

# CONTE AQUI QUE EU CONTO ALI: A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR

Benício Mackson Duarte Araújo / UERN - CAMEAM

Lucineide da Silva Carneiro / Prof.<sup>a</sup> UERN

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando falamos em *contação* de histórias referimos a uma tradição oral e reportamos as narrativas conduzidas pelas pessoas de idade, geralmente vividas e repletas de experiências. É uma tradição incorporada, mesmo que muitas vezes passada despercebida no espírito dos vários povos, vivenciada de geração em geração em uma hereditariedade que se renova a cada contar e recontar, pois cada contador atribui à história características únicas e pessoais. Uma cultura viva manifestada oralmente.

Esses contadores nasceram junto com a humanidade, desde os mitos das cavernas, quando os homens saíam para cassar e ao chegar compartilhavam suas aventuras. Desde aí é típico do homem reportar aquilo que lhe é vivenciado, aos poucos essa cultura oral passou de necessidade comunicativa para uma mágica narrativa de fatos verídicos ou ficcionais em que o narrador dispõe como ferramenta o seu próprio eu, a experiência vivida, a entoação da voz, os gestos, objetos ao seu redor e emissão de sons que remete aos fatos da narrativa.

Com o surgimento das tecnologias, mesmo que presente no cotidiano popular, a *contação* de histórias fica em segundo plano, o livro além de objeto de *status*, passa a ser o guardião dessas narrativas e com o desencadear da era da tecnologia, a televisão e o computador substituem o lugar dos antigos contadores de histórias, que nas *bocas de noites* fluíam a imaginação dos ouvintes e espalhavam o encanto e a magia nas grandiosas rodas de conversas formadas por vizinhos e familiares.

Hoje a *contação* de história mesmo que imbuída nos relatos de experiências vividas, muitas vezes passa despercebida aos olhos da sociedade e sua forma mágica e encantadora de manifestação se encontra principalmente em pequenos povoados, tendo na maioria das vezes os idosos como contadores e em formas sedutoras, manifestadas nas rodas e incentivos de leitura, como também na formação de leitores.

Com isso, queremos aqui relatar a concretização da atividade prática da disciplina Leitura, componente curricular do curso de Letras – habilitação em língua portuguesa e suas respectivas literaturas – do campus avançado professora Maria Eliza de Albuquerque Maia (CAMEAM) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), que se dá no desenvolvimento de oficinas teóricas/práticas.

Assim, trazemos aqui o relato da oficina intitulada “Conte aqui que eu conto ali”, a qual foi realizada na comunidade rural do Sítio Ema, município de José da Penha / RN, tendo 18 jovens, alunos do ensino médio e superior, como participantes. Tivemos como objetivo manifestar o interesse e o gosto pela leitura trazendo à tona a importância da *contação* de história na instrução do indivíduo, quer como instrumento de formação e de autoconhecimento cultural, abordar os mitos como narrativas contribuintes para organização das experiências vividas e introduzir o leitor como participante ativo dessas histórias.

Para nos subsidiar, buscamos apoio nas teorias de Lena Lois (2010) e Luciano Amaral (2010), como também em sondagem do público por meio de questionários aplicados no ato da inscrição, sobre a relação dos participantes com a leitura, o que nos permitiu conhecimentos prévios da clientela e melhor organização dos conteúdos.

Assim sendo, nosso trabalho é desenvolvido a partir dos seguintes aspectos: considerações iniciais, desenvolvimento e considerações finais. As considerações iniciais têm por finalidade apresentar a temática a ser desenvolvida ao decorrer do trabalho. No desenvolvimento, relatamos a execução da oficina, embasados em referenciais teóricos que fundamentam as nossas discussões sobre a *contação* de história e o ensino da leitura. E por último temos as considerações finais com um breve relato dos resultados obtidos.

## **1. A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA NA FORMAÇÃO DO LEITOR**

Para adentrarmos no maravilhoso mundo da leitura, onde a fantasia e a imaginação são elementos fundamentais desse extraordinário universo, é preciso encarar o livro como um veículo que nos transporta para esse ambiente único. É necessário ver a leitura como uma prática prazerosa, em que se deliciamos na exclusividade da relação entre o eu e o livro, e não com caráter obrigatório, sob exigências e cobranças de uma leitura pressionada e moldada em interpretações únicas que não abrem brechas para que o leitor construa a sua própria história da história.

Esse incentivo que influencia os primeiros contatos com o livro, deve ser mágico e totalmente lúdico, para que o leitor construa um relacionamento afimco com a leitura. Assim, a tinta sobre o papel e o conjunto de páginas que formam o livro ganham outros sentidos, imaginados e construídos exclusivamente pelas mãos que sustentam o livro e pelos olhos que passeiam entre as linhas das narrativas, envolvendo o leitor como personagem ativo da história.

Desse modo, a *contação* de história, como instrução do indivíduo e propagação da cultura, torna-se uma forte aliada na formação do leitor e ao incentivo da leitura. A ludicidade e o envolvimento do contar se tornam convites para que o livro seja aberto e que ali seja desfrutado dos itinerários propiciados pela leitura. Um conjunto harmonizo que seduz e encanta de modo irresistível.

## **1.1 CONTE AQUI QUE EU CONTO ALI**

A oficina “Conte aqui que eu conto ali” foi uma atividade prática da disciplina Leitura, orientada pela professora Luciene da Silva Carneiro, do curso de Letras – habilitação em língua portuguesa e suas respectivas literaturas – do campus avançado professora Maria Eliza de Albuquerque Maia (CAMEAM) da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN).

Após estudo, planejamento e preparação dos assuntos a serem discutidos, como também a organização dos materiais e o processo de divulgação e inscrição, a oficina se realiza no segundo dia do mês de março de 2013, no sítio Ema, zona rural do município de José da Penha / RN, mais precisamente na Escola Municipal José Ferreira da Silva. Uma comunidade, como muitas outras, onde a leitura não está presente na vida da juventude, pois é vista como uma prática solitária e a falta de incentivo é um dos principais fatores que acarretam o “medo” do livro. Mariza Lajolo aborda essa questão como tipicidade brasileira: “Os testemunhos de educadores e intelectuais fazem coro a depoimentos de viajantes estrangeiros que confirmam a raridade dos livros e da leitura no país das jandaias nas frondes verdes da carnaúba.” (Lajolo 2001, p. 57).

Na verdade somos herdeiros de uma cultura que não valoriza a leitura, isso desde meados da descoberta do Brasil, quando os livros eram restritos a um pequeno número de pessoas, os nobres. E até hoje, apesar das bibliotecas públicas, o preço dos livros excluem muitas pessoas de poder possuí-los. Além do mais, muitos professores abordam a leitura

como uma prática cansativa, de teor obrigatório e voltado para os critérios gramaticais. O que poda o aluno e corta, desde cedo, a sua curiosidade e vontade de se debruçar nas narrativas.

Estimular a prática da leitura é um desafio da contemporaneidade, visto que vivemos em uma sociedade não leitora, dos poucos manifestos promovidos a maioria se limitam em definir a leitura e apresentar teorias, mas a prática real é pouco incentivada, como coloca Lois (2010, p. 90) “Promover uma ação de leitura é muito diferente de discursar sobre a leitura”. Pois o mediador precisa ser antes de tudo um leitor, não somente dos livros, mas de cada indivíduo que coloca sobre a leitura seu contexto cultural e suas experiências de vida.

Nossa oficina teve um público, na maioria, alunos do ensino médio e superior, que se dizem gostar de ler assuntos diversos, obras literárias, jornais e poemas, mas que em média leem apenas três livros ao ano e que são influenciados a essa prática principalmente pelos professores e os meios de comunicações. Uma grande maioria nunca ganhou um livro de presente e os que ganharam só tiveram esse prazer após os vinte anos de idade.

Com essas informações foi possível uma melhor preparação dos conteúdos a serem ministrados e direcionados a cada participante que ali estava, tudo com minucioso cuidado, pois para muitos aquele seria o primeiro contato prazeroso e lúdico com a leitura. Essas informações eram necessárias para que pudéssemos chegar naqueles alunos e sensibilizá-los da importância da leitura. Uma vez que, como mediadores e formadores de leitores, precisávamos mostrar uma razão para que eles abrissem o livro e se tornassem personagens ativos da narrativa. Vejamos o que Oliveira (2010) traz sobre as razões para a leitura:

Todas as vezes que uma pessoa lê algo, ela tem uma razão preestabelecida para a leitura: busca de prazer, passatempo, aprofundamento em um tema, busca de informações específicas, seleção de textos etc. Cada objetivo exige estratégias diferentes, exige um tipo de leitura diferente. (Oliveira 2010, p. 66)

Ao instigarmos o aluno à prática da leitura também devemos ajudar a formar o objetivo pelo qual ele dedica seu tempo ao livro, ninguém faz algo sem ter, antes, uma razão preestabelecida, uma ação sem motivação é um feito sem rumo, por isso a ineficácia de muitas leituras exigidas em sala de aula.

Além do objetivo de formar leitores pretendíamos que saíssem dali contadores de histórias, alunos que relatassem suas experiências vividas, suas leituras, suas narrativas e mobilizassem mais pessoas a adentrarem nesse universo único. Daí o título “Conte aqui que conto ali”, baseado no título do poema “Cante lá, que eu canto cá” de Patativa do Assaré, não

abordando a *contação* de forma restrita, como o poema de Patativa, mas uma ação conjunta, em que tu contas aqui, eu conto ali, nós contamos e assim propagamos a cultura, a leitura e a formação de leitores por meio da *contação* de história e da literatura.

## 1.2 A LITERATURA INFANTO-JUVENIL E A CONTAÇÃO DE TERROR

A *contação* de história deve ser voltada para o público, de forma que os conteúdos sejam pré-selecionados de maneira que um complete ao outro, como um quebra cabeça que se une, provocando a interação entre ambas as partes; o contador, a *contação* e os participantes. Assim a interação entre esses elementos são essenciais e só se dar quando a *contação* provem da realidade e do cotidiano dos participantes. Assim, com um público jovem, adaptamos as nossas *contações* de acordo com os participantes, chegando à conclusão da necessidade da união entre o texto literário e a arte, no caso, o teatro. Lois (2010) coloca que:

Quando incentivamos a leitura através da literatura estamos decidindo por investir na arte. Ou seja, optamos por priorizar e acreditar no potencial de cada estudante e no texto como um meio eficaz para garantir a permanência do leitor. (Loiz 2010, p. 83)

Com isso optamos em abordar na oficina a *contação* de terror, por ser um tema bem vivenciado atualmente, próprio da juventude e abordado tanto pelo cinema como pela literatura estrangeira. Os mitos de terror e os personagens assombrados, como os vampiros, trazem a tona o medo, nesse sentido é importantíssimo a magia do gótico, uma vez que lidar com o lado sombrio de nós mesmos ou do mundo externo é um aprendizado fundamental. Encarar questões como a morte, mistério inevitável que povoa as narrativas de todas as civilizações, provoca a curiosidade e o prazer que proporciona o frio e o suspense dentro nós.

Outra temática que optamos por trabalhar foi a literatura infanto-juvenil, que traz a fantasia e retoma os tempos de crianças, quando pela magia dos contos de fadas, sonhamos com os desfechos de tais narrativas, o que também abre um leque de possibilidades artísticas, como os jogos cênicos, de abordar a *contação* de história dentro deste gênero literário.

Tudo isso para oportunizar e priorizar o potencial dos alunos, fazendo com que eles se sintam envoltos de temáticas próprias da sua faixa etária, entrelaçando o já vivido (literatura infanto-juvenil) e o que se vive (terror/gótico), colocando o aluno como peça

fundamental dessa engrenagem que sintoniza a discursão e a promoção da leitura no âmbito da *contação* de história.

## 2- PARA ALÉM DO PLANEJAMENTO: A REALIZAÇÃO

É sabido que todo planejamento requer uma ação posterior, após todo apanhamento e preparação dos materiais, é hora de colocar em prática aquilo que está no papel. A nossa oficina se realiza com o objetivo de incentivar a prática da leitura por meio da *contação* de história no viés cultural, como manifestação popular entrelaçada no cotidiano e no meio artístico-social, assim trazemos à cena a importância da literatura e dos jogos cênicos na *contação* de história e na formação do leitor, o que torna o contador um personagem próprio da narrativa, vivo e peça de enlace entre a leitura e os ouvintes.

Tivemos toda preocupação com o ambiente, de modo que deixasse os participantes mais a vontade possível, tiramos as cadeiras da sala e deixamos que todos se sentassem no chão, como também expomos os livros que iríamos trabalhar, para que desde do início se quebrasse o caráter de sala aula e desse um tom descontraído e aconchegante a aquela atmosfera.

A oficina ocorreu das 7:00 às 17:00hs com intervalo para almoço de 12:00 às 13:00hs. Para descontrair e quebrar o gelo iniciamos com a música “Desengonçada” de Bia Bedran, momento em que todos os participantes dançavam de acordo com a letra da música, o que provocou risos e interação entre todos. Como mostra a imagem 1:



**Imagem 1: Dançando a música “Desengonçada”.**

A *contação* não é um ato solitário, ao contrário, é uma ação conjunta entre os sujeitos que lhe dão vida, é preciso a harmonia da história, do contador e dos ouvintes para que se realize uma *contação* que encante e seduza. Nessa perspectiva, nossa oficina foi baseada, completamente, em atividades em grupo, em que se dividiu os participantes para o estudo coletivo. Com isso, já no início, optamos por mostrar a importância do trabalho em grupo, de um ouvir o outro e atuar em sintonia, um conjunto que pense coletivamente em busca de um bem comum. Para isso colocamos em ação uma dinâmica em que os alunos formaram um círculo e teriam de pensar numa maneira de se inverterm, em vez de ficarem pra dentro do círculo teriam de ficar pra fora, mas sem soltarem as mãos, assim só obteriam êxito quando, um por um, fossem passasse por baixo ou por cima de quem estivesse na frente.

Deixamos os alunos bem a vontade nessa atividade, demoraram um pouco a chegarem a um consenso de como solucionar a problemática, com isso foram preciso algumas tentativas sem êxito para que conseguissem chegar ao objetivo principal da dinâmica; reconhecer a importância do trabalho em grupo. Percebemos que a atividade obteve êxito e que os alunos compreenderam a importância do trabalho em equipe, além de terem se divertido bastante nas tentativas. A imagem 2 mostra os alunos participando da dinâmica.



**Imagem 2: Dinâmica sobre a importância do trabalho em equipe.**

A *contação* de história requer do contador uma desenvoltura teatral, nessa perspectiva colocamos em prática a questão dos jogos cênicos a partir de uma dinâmica chamada, viagem a um jardim, em que os participantes foram convidados a fecharem os olhos e se imaginarem em um bosque, enquanto que dávamos caminho a narrativa, por meio da nossa voz e de efeitos sonoros que norteavam uma serie de acontecimento na mente de cada participante, após o desfecho da história os alunos relataram a experiência vivida, em que

cada um experimentou de forma diferenciada a mesma história, e o melhor, eles eram os próprios personagens, os ouvintes, contadores e autores da narrativa, nisso cada um socializou os diferentes ambientes imaginados. Possibilitando uma troca recíproca de experiências entre os participantes.

Dando continuidade com nossas atividades, iniciamos um diálogo com a turma sobre o que é uma oficina e ao mesmo tempo buscamos experiências daqueles que já tinham participado de alguma, essa troca de conhecimento permitiu aos alunos que participavam pela primeira vez de uma oficina construir noções do que seria trabalhado. Definimos em coletividade que oficina é o lugar onde se exerce um ofício, como coloca o novo Dicionário Aurélio segundo o verbete em questão: “1. Lugar onde se exerce um ofício. 2. Lugar onde se fazem consertos em veículos automóveis. 3. Dependência de igreja, convento, etc., destinada a refeitório, despensa ou cozinha. 4. Fig. Lugar onde se verificam grandes transformações.”

Aproveitando a oportunidade buscamos no diálogo coletivo as expectativas sobre a oficina, como também no que os participantes entendiam sobre a *contação* de história, assim deixamos aberto a discussão para a construção do sentido em grupo, e percebemos que apesar de viverem rotineiramente experiências de contadores, manifestados em relatos do cotidiano, não sabiam o real sentido e importância da *contação* de história, sendo que introduzimos esses conceitos e os alunos se sentiram mais familiarizados com essa prática cultural de abrangência rotineira na sociedade.

Nesse sentido deixamos que os alunos se apresentassem como contadores, e muitos trouxeram a tona reais experiências com histórias, como contadores dos capítulos anteriores de novelas, contadores do casamento da vizinha, contadores de fatos ocorridos na infância e que marcaram a vida, também relataram, com saudades, experiências de ouvintes, quando se juntavam com os vizinhos, momento em que os mais velhos contavam histórias enquanto eles maravilhados imaginavam as narrativas.

## **2.1 O CONTATO COM A CONTAÇÃO DE HISTÓRIA**

O desenvolvimento da discussão propiciou o início das *contações*, iniciamos a história de terror intitulada “A babá e o palhaço” que tratava do assassinato de uma babá e de duas crianças, realizado por um palhaço, aqui utilizamos de músicas de terror, a tonalidade da voz e o fechamento das entradas de luz do ambiente, isso para que a *contação* envolvesse todos os ouvintes e pudesse mostrar aos participantes as demasiadas ferramentas que o



contador pode utilizar, o que permitiu um pequeno debate em cima da narrativa e do público alvo.



**Imagem 3: Contação de terror:**

Em sequência, também apresentamos o texto: “Debate de um bêbado e um padre” da autoria de Antônio Nogueira de Bessa, uma narrativa em forma de versos, o que se diferencia totalmente da *contação* anterior, uma vez que aqui o contador usufrui do artifício da rima e de um texto humorístico, em que as três personagens – Narrador, Padre e Bêbado – são interpretadas unicamente pela pessoa do contador, o que possibilitou uma comparação entre as duas *contações*, e ficou perceptível que não há texto impossível de ser contado.

Também trouxemos uma terceira *contação*, feita a partir do livro “Só um pulinho de gato” de Heinz Janisch e Helga Bansch, literatura infanto-juvenil, contada com o artifício do livro e as imagens nele contidas, também relatamos as experiências de *contações* com aquela história, realizadas no Programa Bale – Biblioteca Ambulante e Literatura nas Escolas – programa de extensão do CAMEAM/UERN.

Essas *contações* possibilitaram um contato direto dos alunos sobre algumas formas de contar e recontar, juntamente com as ferramentas utilizada nesta ação, como os jogos cênicos, a preparação do ambiente, o próprio gênero do texto e a experiência do contador.

## **2.2 PRATICANDO: CONTANÇÃO DA LITERATURA INFANTO-JUVENIL**

Como o nosso propósito é incentivar o gosto pela leitura, formar leitores e contadores de história é essencial que nossos alunos coloquem o aprendizado em prática, assim os participantes foram divididos em grupos, em que cada equipe ficou com um livro pertencente

à literatura infanto-juvenil, são eles; O caso do bolinho, Os Animais têm razão, Dona Baratinha e A casa sonolenta. Primeiramente os grupos fizeram uma leitura interna, (só para o grupo) e depois contaram a história de forma breve para que os outros participantes tivessem possibilidade de conhecer previamente a história. Também foi dando um tempo para que eles estudassem a melhor forma possível de apresentar a *contação*.

Logo após, os alunos foram direcionados a escolherem figurinos e pinturas que melhor se adequasse aos personagens a serem interpretados, assim representaram as narrativas dos livros infantis utilizando a dramaturgia e as ferramentas que podiam dispor para uma veracidade da *contação*. Assim percebemos que esse foi um momento mágico da oficina, em que todos os participantes retornaram aos dias de crianças, que por meio do lúdico foi possível contar aquelas histórias, não somente como contadores, mas como personagens próprias das narrativas. Momento esse que constatamos que os conteúdos foram assimilados e que os participantes puderam sair da oficina com um entendimento a cerca da *contação* de história e da leitura. Vejamos as imagens das equipes:



Imagem 4: Grupo 1; O Caso do Bolinho



Imagem 5: Grupo 2; A Casa Sonolenta



Imagem 6: Grupo 3; Os Animais Têm Razão



Imagem 7: Grupo 4; Dona Baratinha

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como vimos, a *contação* de história é uma forte aliada para formação do leitor e o incentivo à leitura, percebemos que mesmo estando presente no cotidiano popular e ser um manifesto vivo da cultura oral, muitas *contações* e momentos mágicos são passadas despercebidas aos nossos olhos.

Ao falarmos de *contação* de história estamos fazendo um relato próprio da nossa vida, momento em que os acontecimentos e as experiências vêm à tona, manifestando o sentimentalismo do contador, provocando esses momentos mágicos e únicos. Além disso, os mitos e as narrativas de aventuras alheias contribuem enormemente para que organizemos as experiências vividas por nós.

Com isso nos encontramos como personagens próprios das narrativas, em que assumimos muito mais do que o papel de leitores, mas também personagem, autores e peças fundamentais do enredo que o livro aborda, na realidade somos nós, leitores, que decidimos o desfecho da história.

É mais do que o contato entre o eu e o livro, é uma relação conjunta que se desenrola em prol da ficção e da imaginação, uma vez que é isso que a curiosidade do leitor procura; um mundo fora do mundo. Mesmo que a narrativa não se relacione com a realidade dos fatos, mas a ligação com o fantástico é o que prende o leitor às páginas dos livros.

Percebemos que basta acreditar no potencial do aluno, não que se vá transformar alguém em leitor num passe de mágica, até porque o professor não possui varinha de condão, mas contém o encanto de fazer com que o aluno acredite em si. Não é preciso vasculhar o passado em busca de experiências leitoras, mas é necessário inserir essa prática como momentos prazerosos do cotidiano do aluno. É um trabalho que vai muito além da formação do leitor, mas se expande na construção de um cidadão crítico/reflexivo que atue ativamente na sociedade.

É verídico que encontramos demasiados obstáculos que tentam nos impedir desse maravilhoso trabalho e que o mediador nem sempre será visto como merece, mas é impulsionado pelas conquistas diárias que somos chamados a renovar a vontade de formar leitores através da *contação* de história.

Podemos dizer que é recompensador receber um muito obrigado e abraços de gratidão por conta do nosso trabalho, é gratificante ouvir pessoas dizendo que, por nossos atos, mudaram a forma de encarar os livros e a “solidão” da leitura, porém não há nada melhor do que ver nossos alunos, que não gostavam de ler, declarar que já se encontram lendo o segundo romance e alguns pensam até em se engajar nos estudos da leitura.

Temos certeza que daquele ambiente saíram futuros leitores e contadores de histórias prontos para promover o ato da leitura e da *contação*, pessoas que iram influenciar suas famílias, seus amigos e companheiros a lerem o primeiro livro.

Iniciamos esta atividade com o objetivo da realização de um simples trabalho acadêmico para obtenção de nota, mas terminamos relatando uma atividade gratificante, com profundo aprendizado, que mudou nosso ponto de vista e modo de agir, reforçando a certeza de que estamos no caminho certo e que repercutiu com maior profundidade nos itinerários futuros dos dezoito participantes que ali estavam.

Assim, concluímos o nosso trabalho como uma experiência que nos chamou a sermos continuadores desses momentos ímpares de levar leitura de modo lúdico à vida de muitas pessoas. Para isso basta acreditarmos na nossa e na capacidade daqueles que estão ao nosso redor. Podemos dizer que a *contação* história seduz e sensibiliza o indivíduo a ser leitor, não apenas do livro, mas no mundo.

## **REFERÊNCIAS**

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. São Paulo: Editora Ática, 2001.

LOIS, L. **Teoria prática da formação do leitor: leitura e literatura na sala de aula**. Porto Alegre: Artmed, 2010

OLIVEIRA, L. A. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola editorial, 2010.

FERREIRA, A. B. H. **Mini Aurélio século XXI: o minidicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.